

MERCADOS

Risco-país e dólar caem forte com menor pressão externa

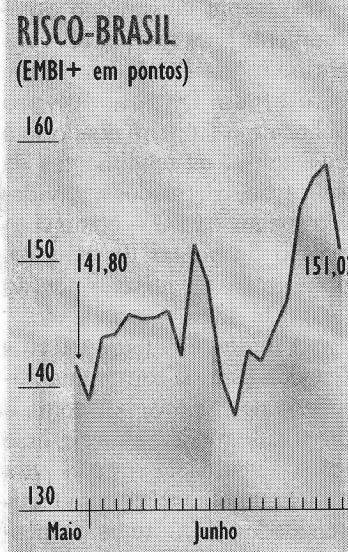
Decisão do Fed, mesmo esperada, reduz incertezas de curto prazo e promove trégua

JANE CARVALHO
SÃO PAULO

Sem surpresas, o Fed manteve pela oitava reunião consecutiva o juro americano estável em 5,25% ao ano. O comunicado, parecido com os anteriores, confirmou a expectativa da ampla maioria do mercado financeiro de que a tendência é de taxa inalterada no curto prazo. A decisão encerra, ao menos em parte, o clima de expectativa em relação à política monetária americana que vinha pressionando os mercados. A tensão pré-Fed, associada a problemas com fundos do setor imobiliário e rumores de alta no juro chinês, tem deixado as bolsas voláteis, com reflexos no dólar e no risco de emergentes.

A principal novidade no comunicado do Fed, prevista por parte do mercado, foi a retirada de uma referência a preços "elevarados". A leitura de analistas é de que o cenário mais provável é de juros estáveis ao longo do ano. "Embora o Fed tenha reconhecido que a pressão nos núcleos de inflação diminuiu, ainda há dúvidas quanto ao comportamento dos mercados imobiliário e de trabalho", avalia Jason Vieira, economista-chefe da UpTrend Consultoria. Com um fator a menos de pressão, a quinta-feira foi de melhora.

O risco-país, medido pelo JP



Fontes: JP Morgan e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

Morgan, fechou em baixa de 4,36%, a 151 pontos-base. No mês, o indicador refletindo a tensão nos mercados externos registra alta de 6,50%. No ano, no entanto, o recuo acumulado chega a 21,25%. Os juros futuros voltaram a cair. O DI de janeiro de 2010, o mais negociado, apontou taxa de 10,63%, ante 10,68% do último ajuste.

O dólar, com a melhora do humor global, voltou a refletir o fluxo de recursos para o País, positivo em US\$ 7,109 bilhões em maio, até o dia 25. A briga pela formação da Ptax de hoje, usada para liquidar os contratos no mercado futuro, também colaborou. Com os bancos na posição vendida — lucram com a queda do dólar — há um estímulo extra de baixa na moeda em final de mês. O resultado deste cenário foi queda de 1,13% no dólar, a R\$ 1,922. As bolsas operam de lado ou em alta. O índice Dow Jones ficou pratica-

CÂMBIO			
(Cotação de venda - R\$/US\$)			
	Junho	28	27
Taxa			
Minima	1,9220	1,9440	1,9410
Máxima	1,9350	1,9670	1,9540
Fechamento	1,9220	1,9440	1,9540
Ptax*	1,9256	1,9499	1,9488

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

* Média do Banco Central

mente estável, com recuo de 0,04%. Nasdaq subiu 0,12%. A Bovespa avançou 0,01%.

Internamente, o Relatório de Inflação do BC reafirmou a tendência de um IPCA abaixo de 4% no ano. No cenário de referência — Selic em 12% e dólar a R\$ 1,95 — a expectativa é um IPCA de 3,5%, a mesma previsão no cenário de mercado, em que o BC usa dados da pesquisa semanal. Para 2008, a previsão é de um IPCA de 4,1% no cenário de referência e de 4,6% no de mercado.

O centro da meta anual definida pelo CMN até 2009 é de 4,5%, embora declarações do presidente do BC, Henrique Meirelles, e do ministro Guido Mantega de que será perseguido os 4% ainda causem constrangimento. "O CMN perdeu uma chance histórica de reduzir a meta de inflação, agora o melhor é deixar como está e não ficar dando explicação, declarando que perseguirá outro percentual", avalia Joel Bogdanski, gerente de Política Monetária do banco Itaú.